

Estudo sobre o risco não sistêmico dos papéis das empresas de tecnologia brasileiras no período de 2005 a 2014

Laura Yanaguibashi*, Márcio M. Belli

Resumo

O projeto em questão se propôs a coletar e estudar dados referentes às empresas brasileiras tradicionais e de tecnologia com ações em bolsa de valores. A proposta da pesquisa foi analisar o valor de mercado dessas ações e seus riscos não sistêmicos, e assim compará-las, cotejando suas cotações anuais de 2005 à 2014. Com isso teve-se o intuito de observar e analisar, ao longo desse período, o comportamento em termos de risco não sistêmico medido através do coeficiente beta da ação.

Palavras-chave:

Risco, risco não sistêmico, empresas de tecnologia.

Introdução

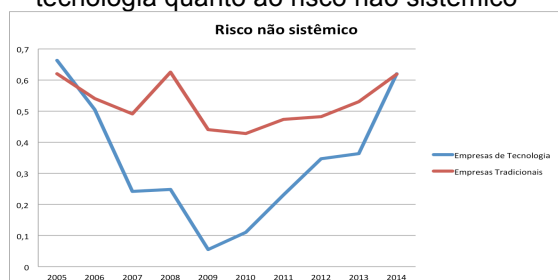
O objeto do presente estudo foi o risco sistêmico do mercado e do risco não sistêmico das ações de empresas de tecnologia e empresas tradicionais no período de 2005 a 2014. O objetivo desta pesquisa foi analisar as variações do risco não sistêmico medido através do coeficiente beta do modelo financeiro CAPM no período de dez anos através de pesquisa aplicada, comparações, gráficos e técnicas de análise estatísticas.

O Capital Asset Pricing Model (CAPM) é um modelo financeiro proposto inicialmente por Treynor (1961), Sharpe (1964) e Lintner (1965) para analisar a relação entre risco e taxas de retorno de um determinado ativo em relação a uma carteira de Mercado.

Resultados e Discussão

Inicialmente foram coletados os valores dos coeficientes beta das ações de empresas de tecnologia e tradicionais através da plataforma de dados Capital IQ. Em seguida foi feita, como evidência preliminar, uma comparação entre as médias aritméticas das duas categorias de empresas, como pode ser observada no gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1. Comparação entre empresas tradicionais e de tecnologia quanto ao risco não sistêmico



Apesar de se observar a diferença entre os riscos de cada categoria de empresa, foi realizado um teste estatístico MANOVA, a fim de se obter uma comparação mais refinada. Neste teste comparou-se o parâmetro de risco não sistêmico com a variável de controle referente ao ativo da empresa, para avaliar se o risco poderia ser influenciado pelo tamanho da empresa. Como resultado obteve-se que a média dos ativos das duas categorias de empresas analisadas são iguais, e a média dos riscos não sistêmicos é diferente.

Conclusões

A hipótese nula de que as médias dos riscos não sistêmicos das empresas tradicionais e de tecnologia são diferentes foi comprovada pelo teste estatístico MANOVA com 95% de confiabilidade. Nele obteve-se uma significância para o risco e o ativo de 0,031 e 0,126, respectivamente. Isto nos permite concluir que tal diferença dos riscos em relação as empresas tradicionais e de tecnologia não se deve pelo tamanho da empresa em si, mas sim pela categoria em que se enquadra.

¹ Assaf, N. Alexandre. *Mercado Financeiro*. Editora Atlas. 12ª ed. São Paulo, 2014

² Assaf, N. Alexandre. *Finanças corporativas e valor*. Editora Atlas. 7ª ed. São Paulo, 2014

³ Joseph, F. Hair Jr. e outros. *Análise Multivariada de Dados*. Editora Bookman. 6ª ed. São Paulo, 2009.

⁴ Fávero, P. Luiz. *Análise de dados*. Editora Elsevier. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2009.

⁵ Copeland, T. e outros. *Avaliação de Empresas – “Valuation” – Calculando e gerenciando o valor das empresas*. Makron Books. 3ª ed. São Paulo, 2011

⁶ Ehrhardt, C. Michael ; Brigham, F. Eugene. *Administração Financeira – Teoria e Prática*. Cengage Learning. 13ª ed. São Paulo, 2012

⁷ Demodaran, Aswath. *Avaliação de Investimentos: ferramentas e técnicas para determinação do valor de qualquer ativo*. Ed. Qualitymark. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2010.